

LINGUAGEM E AFETIVIDADE EM EAD: QUESTÕES INTERDISCIPLINARES

Simone Regina de Oliveira Ribeiro (UNIGRANRIO)
monyregina@hotmail.com

1. *Introdução*

Com o advento do computador e, mais precisamente, da internet, a educação a distância (EaD) assumiu características inovadoras, e a linguagem usada pelos usuários dessa tecnologia, mediada virtualmente, também passa a ser construída sob novas bases, fato que tem servido de interesse a diversos pesquisadores como Marcuschi (2010), Xavier (2010), entre muitos outros, das mais diferentes áreas de conhecimento.

Surgem novas relações entre o homem e a máquina e entre o homem e outro homem (SILVA, 2002). Enquanto ferramenta educacional, acompanhamos avanços no modo de disponibilização dos materiais em vídeo, imagem, som, animação, textos, *links*, além da interatividade *on-line*, que trouxe modificações profundas nas relações interpessoais nos espaços virtuais de comunicação e aprendizagem. Com a expansão dos cursos oferecidos na modalidade a distância, com uso do computador e da internet, mudanças significativas ocorreram, principalmente no acesso a informação e a comunicação.

A educação com base na internet mudou o modelo de relação característico da EaD que se baseava predominantemente pelo ensino por correspondência de materiais impressos, livros e apostilas, ou mais a frente por utilização de mídias como rádio, vídeo, TV, fitas cassetes (VILAÇA, 2010). A EaD com uso da internet ou a também chamada educação *on-line* preservou uma tradicional característica dessa modalidade: a falta da relação face a face, em contrapartida trouxe desafios e avanços antes nunca vivenciados.

De acordo com Fontes (2007), o desenvolvimento decorrente da computação gráfica foi uma exigência das novas formas de comunicação digital no mundo contemporâneo, aproximando ainda mais as pessoas por meio de troca de informações, emoções, sentimentos cada vez mais precisos através dos ricos recursos encontrados atualmente em *chat*, *e-mail*, *blog*, fórum e outros, ampliando as possibilidades da linguagem não verbal, por mais que a linguagem escrita ainda seja predominante nas comunicações virtuais (MARCUSCHI, 2010).

Considerando que as muitas necessidades sociais relacionam-se com questões da linguagem (LEFFA, 2001), destacamos atenção especial para a comunicação na EaD enquanto potencialmente promovedora de construir vínculos afetivos. Dessa forma, não pretendemos aqui buscar respostas que atendam às questões de como a tecnologia tem influenciado a linguagem dos usuários, mesmo reconhecendo a necessidade de pesquisas nessa área, mas investigar como os usuários fazem uso dos recursos textuais e não textuais na comunicação *on-line* para transmissão de ideias, pensamentos, emoções, sentimentos.

Este trabalho tem como objetivo principal refletir sobre a potencialidade dos recursos comunicativos, textuais e não textuais, usados na interatividade e, especificamente, trazer à discussão a relação comunicativa que envolve a afetividade e a cognição na construção de conhecimentos através das trocas entre os atores que dialogam no espaço virtual de aprendizagem através da linguagem.

2. Os estudos linguísticos e a tecnologia

Na concepção de Pretto (2003), a internet e seus recursos digitais podem ser entendidos não como uma questão meramente tecnológica, mas como um divisor de águas no sentido cultural. Ela é marca de um novo processo cultural que envolveu todo planeta e a educação não ficou fora desse contexto. Um novo modelo de educação surgiu, ampliando cada vez mais as possibilidades dos cursos oferecidos na modalidade a distância.

Aproximando-se de Pretto (2003), ao discutir sobre a tecnologia – internet- e seus reflexos na sociedade, Xavier (2010) diz que a globalização criou o que ele já considera uma nova ordem mundial, caracterizada pelo que chama de *tecnocracia*. Destaca que a tecnocracia trouxe mudanças profundas nas relações econômicas, ideológicas, políticas e da informática digital (2010, p. 208).

Mudanças significativas são percebidas na escrita, na leitura, ou mesmo nas múltiplas leituras no hipertexto virtual. Desafios novos que nos colocam diante da busca por respostas, que nos permitam entender com mais clareza como a linguagem mediada pelo computador e a internet estão sendo usadas na prática e como elas são capazes de transmitir ideias, informações e, especialmente nesse trabalho, sentimentos e emoções.

Marcuschi (2010) discute que no contexto da tecnologia digital em ambientes virtuais surgem gêneros textuais digitais novos. No entanto, para ele os gêneros emergentes digitais por mais que sejam considerados novos, apresentam semelhanças ou mesmo podem ser considerados similares a outros gêneros orais e escritos em outros contextos discursivos como exemplo a carta e o e-mail, conversas em tempo real e o *chat*, além de muitos outros. O pesquisador, porém, deixa claro que os gêneros eletrônicos ainda estão em fase de consolidação, mas desde já são motivos de polêmicas quanto sua natureza e aos possíveis impactos na linguagem e nas relações sociais (2010, p. 15).

Pela capacidade de unir em um mesmo espaço recursos como texto, imagem, som, a internet tem conquistado cada dia mais adeptos que fazem uso de sua potencialidade e passam a usá-la em suas diferentes práticas sociais, seja por divertimento e lazer ou por obrigatoriedade como exemplo as inscrições para o ENEM entre outros serviços oferecidos exclusivamente no ambiente digital. Porém, por mais que haja a possibilidade infinita de postagens de imagens e sons, a escrita ainda é essencial para a comunicação *on-line*. Pela centralidade da escrita no contexto digital da internet percebemos mudanças quanto à organização da linguagem nas relações interpessoais e sociais. De acordo com Marcuschi (2010, p. 22), “o fato incontestável é que a internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na internet, a escrita continua essencial apesar da integração de imagem e som.”

Leffa (2001) argumenta que a linguagem basicamente escrita da internet, por mais que pareça formal, fria e até distante de sentimento, pode não ser estruturada semanticamente com essas características e tornar-se extremamente carregada de sentimentos e emoções. É preciso considerar que essa linguagem escrita pode sim dar conta da transmissão de sentimentos e emoções. Por outro lado, destacamos que há recursos digitais não verbais como os *emoticons*, que também são usados para emitir sentimentos e emoções.

Desse modo, investigar a linguagem em torno das relações interpessoais no contexto da EaD, principalmente a linguagem que envolva questões como a afetividade é extremamente importante, pois Leffa (2001) já aponta que inteligência e emoção devem ser investigadas em conjunto, e sinaliza que uma prática educacional com base na fusão da inteligência com a emoção pode criar novas bases no desenvolvimento da inteligência. Para atender a essa relação na EaD os professores preci-

sam atentar-se para as necessidades e interesses dos alunos, além de investigar criticamente a linguagem textual e não textual que usarão para atingir tal fim.

3. *Cognição e afetividade: trilhas rumo a um único caminho*

Estudos sobre a afetividade (PIAGET, 1990; FÁVERO e FRANCO, 2006) tem pontuado a sua importância na construção do conhecimento. Autores como Piaget afirmam que a afetividade que abarca temas ainda como emoção e paixão, é responsável pelos esquemas de cognição, que conduzirão o indivíduo para o desenvolvimento intelectual. De acordo com Fávero e Franco (2006),

Num ambiente virtual, quando o educador mantém um diálogo com seus educandos, através de chats, fóruns, e-mails, etc., mantendo o interesse dos educandos aceso e colocando os textos (as mensagens) de forma problematizadora, mas também mantendo uma linha de afeto, faz com que estes se sintam parte do processo como um todo. (p. 3)

É importante considerar que o estudante é um ser não só intelectual, mas afetivo, e que são as emoções que motivam qualquer indivíduo positiva ou negativamente. Nos ambientes virtuais, a criação de laços de afetos pelos professores-tutores pode ser responsável pela participação, produção e até mesmo a permanência do aluno no curso.

Em seus estudos acerca da relação cognição e afetividade, Arantes (2002) apresenta resultados de pesquisas que revelam claramente como agimos diante de uma situação problema. Os resultados revelam que os estados emocionais do indivíduo (positivo ou negativo) influenciam seus pensamentos e ações tanto como as capacidades cognitivas.

Para esse autor é justamente o equilíbrio entre afeto e cognição que desencadeará soluções satisfatórias e positivas na resolução de problemas. Por outro lado, o desequilíbrio afetivo refletirá no cognitivo influenciando na clareza diante de resolução de problemas. A partir desse posicionamento poderíamos dizer que cognição com ausência de afeto compromete de certo modo a capacidade cognitiva, ou o desenvolvimento da aprendizagem naquele momento.

Para Piaget (1990) a afetividade não modifica a estrutura no funcionamento da inteligência, porém é a energia que impulsiona a ação de aprender (PIAGET, 1990, p. 25). É comum ouvirmos comentários em contextos escolares de alunos que afirmam não entender certas matérias

ou conteúdos quando estudam com professores com quem não conseguem estabelecer vínculos afetivos e, ao contrário, que compreendem com certa facilidade conteúdos até mais complexos quando vivenciam uma relação pedagógica de afetividade. Tomando como referência os estudos de Piaget compreendemos então que a estrutura de funcionamento da inteligência é preservada em ambas as situações. No entanto, a relação afetiva presente ou ausente é que desencadeará impulsos favoráveis ou não à ação de aprender.

Segundo Andrade (2007) “A afetividade não modifica a estrutura no funcionamento da inteligência, porém, poderá acelerar ou retardar o desenvolvimento dos indivíduos, podendo até interferir no funcionamento das estruturas da inteligência.” (p. 25). Andrade concorda com Piaget ao considerar que a afetividade nas relações pode interferir no desenvolvimento dos indivíduos acelerando-os ou retardando-os. Ela pode ser determinante para o sucesso ou fracasso dos alunos na compreensão dos conteúdos e, de igual modo, no desenvolvimento cognitivo propriamente dito. Porém, é importante destacar que, enquanto Andrade considera que a afetividade poderá até interferir nas estruturas da inteligência, Piaget não comunga da mesma visão, diferenciando-se nesse aspecto, porque para este a afetividade não é capaz de modificar as estruturas da inteligência. Embora tenha influência, como energia que impulsiona ou não ao aprendizado não modificam a estruturas da inteligência.

4. Cognição e afetividade: possibilidades e limitações na educação on-line

Muito tem sido pesquisado no contexto da EaD sobre temas diversos. No entanto, poucos estudos se propõem a pesquisar e analisar sobre afetividade e cognição, sobre a relação afetiva e a criação de vínculos afetivos nessa modalidade. Pesquisas recentes como a de Espírito Santo (2008) e Sihler e Ferreira (2011) trazem algumas contribuições dentro da temática.

De acordo com a pesquisa realizada por Espírito Santo (2011) os vínculos afetivos entre professor e alunos são fundamentais para o desenvolvimento da aprendizagem. Atribui aos vínculos afetivos a condição de ser imprescindível para o bom desenvolvimento cognitivo no espaço escolar presencial ou a distância.

Sihler e Ferreira (2011), além de defenderem o posicionamento de que os vínculos afetivos são determinantes para a construção de conhecimentos significativos na EaD, afirmam que tais vínculos estão diretamente ligados à condição de permanência ou evasão dos alunos. De acordo com estas pesquisadoras, a existência direta de afetividade nas mediações *on-line* garante a permanência de muitos alunos até o final do curso e a ausência de laços afetivos colabora para o abandono de outros.

Ao longo da história, a relação cognição-afetividade foi estudada e entendida de formas distintas, ora como fatores separados, ora como fatores indissociáveis na construção do conhecimento. Concordamos com Arantes (2002), e partimos do pressuposto de que as relações afetivas estão impregnadas do cognitivo, e as ações cognitivas impregnadas do afetivo.

Portanto, acreditamos que não há como abordar os aspectos cognitivos sem considerar os afetivos, nem considerar que as ações afetivas possam estar separadas do cognitivo. Deste modo, faz-se presente a inquietação inevitável para a prática educativa na modalidade a distância: como criar vínculos afetivos na educação *on-line*? Como favorecer a construção de conhecimentos com a mediação a distância?

Considerando que nas relações a distância a comunicação aluno-tutor/aluno-coordenador se efetiva basicamente através de mensagens textuais e não textuais com uso dos recursos digitais, sem considerarmos aqui as interações por vídeo conferência, som e vídeo, é inevitável questionarmos como viabilizar de modo eficaz essa relação interativa afetiva.

É importante ressaltar que ter acesso a diferentes informações ou usar as ferramentas virtuais com eficácia não é garantia que o conhecimento seja construído ou que uma relação afetiva se desenvolva. Seja na modalidade presencial seja a distância o aluno é colocado diante de uma gama de informações impressas, digitais, visuais, audiovisuais; é frequentemente desafiado a compreender assuntos, temas ou teorias abordadas nos variados gêneros textuais digitais e/ou impressos.

No entanto, o acesso à diversidade textual não é garantia de que serão capazes de modificar suas estruturas cognitivas. Segundo Bairral (2007), as tarefas sugeridas e desenvolvidas no processo interativo serão relevantes na construção do conhecimento dependendo das condições de trocas de informação e da qualidade da comunicação desencadeada nos diferentes espaços com diferentes especificidades. Para ele “tampouco, será a mera disponibilização das ferramentas comunicativas que favore-

cerá um rico processo interativo” (BAIRRAL, 2007, p. 43). Embora Bairral não tenha pesquisado a relação da afetividade na EaD, seus estudos ratificam que não é o simples acesso às informações que garante a construção do conhecimento.

Fazendo uso das palavras de Prado (2002, p. 01), “Na sala de aula, muitas vezes, o professor tem a intenção de transmitir o conhecimento, mas o conhecimento não se transmite...”, é necessário que tenha significado para que as informações sejam transformadas em conhecimento. É nesse contexto que a afetividade precisa ser considerada.

5. *Os recursos textuais e não textuais na relação comunicativa a distância*

A complexidade dos processos semióticos presentes na comunicação presencial se intensifica quando se trata da comunicação a distância pela ausência nesta da linguagem por gestos, expressões faciais, tom de voz, falta do olho no olho. Entende-se que na EaD o espaço de troca de informações e comunicação está basicamente pautado no uso dos recursos textuais, embora considera-se também alguns recursos não textuais como principais elementos que favoreçam a interatividade *on-line* no e-mail, no fórum e no *chat* especialmente. É através do texto escrito com palavras e com alguns recursos tecnológicos não verbais como os *emoticons*, por exemplo, que se estabelecem as principais relações de trocas e colaborações, é a partir delas que há a exposição de ideias, sentimentos e emoções (FONTES, 2007, MARCUSCHI, 2010).

É na relação comunicativa pautada no uso dos recursos textuais e não textuais que o professor-tutor mediará o processo educacional nos diversos recursos de interatividade do AVA. Portanto, está na qualidade da interação através desses recursos a possibilidade de haver ou não a construção de vínculos afetivos para o desencadeamento de processos cognitivos, e é também nessa relação que será possível romper com o isolamento dos alunos, pois as atividades mediadas pela linguagem entre professor-tutor e alunos no AVA servem para romper o isolamento ou para mantê-lo. De acordo com Kenski (2003),

O professor precisa ter condições para poder utilizar o ambiente virtual no sentido de transformar o isolamento, a indiferença e a alienação com que costumeiramente os alunos frequentam as salas de aula em interesse e colaboração, por meios dos quais eles aprendam a aprender, a respeitar, a serem melhores pessoas e cidadãos participativos. (p. 75)

A qualidade da mediação através da linguagem e a afetividade expressa nela pelo professor-tutor exige atenção especial por promover ora a aproximação, ora o distanciamento e frieza dos alunos, ou até mesmo a evasão (SIHLER & FERREIRA, 2011). Em sua atuação o professor-tutor precisa considerar que, por se tratar de uma relação marcada pelo distanciamento físico, em que muitas vezes não chegarão a estabelecer um contato pessoal físico do tipo face a face, a comunicação estará pautada exclusivamente no uso de recursos lexicais e tecnológicos para emitir ideias, emoções e sentimentos. Portanto, é com o uso desses recursos que se pretende estabelecer uma linguagem capaz de possibilitar uma relação de troca qualitativa entre os usuários, que passe pela criação e estreitamento dos vínculos afetivos a fim de favorecer a construção de conhecimento na relação a distância.

É preciso também considerar que o ambiente de educação virtual é composto por alunos com diferentes personalidades dos mais tímidos aos mais participativos e questionadores. Portanto, para planejar uma prática com foco nas características pessoais dos alunos é necessário reconhecer que há indivíduos que interagem constantemente e usam recursos tecnológicos diversificados e outros que leem e acompanham a discussão em silêncio, muitas vezes por medo da exposição. Alguns exploram diversos recursos tecnológicos, dos textuais aos não textuais, outros se limitam ao uso da palavra escrita o que não torna a interação menos importante, apenas diferente daquela usada por outros usuários.

Marcuschi (2010) destaca que a escrita é a linguagem basicamente mais usada na comunicação nos espaços virtuais de educação, mas confirma o oportuno uso de *emoticons* especialmente em *chat* educacionais. No entanto, segundo seu estudo, quando comparados os usos de *emoticons* nas salas de chat aberto e no ambiente virtual de aprendizagem (AVA) percebe-se que neste a incidência ocorre em menor quantidade. Ou seja, no espaço de formação educacional os usuários optam pela escrita em detrimento do uso de *emoticons* para emitir sentimentos ou emoções, mas não significa que eles não sejam usados.

Fontes (2007) discute no artigo “O uso de emoticons em chats: afetividade em ensino a distância” questões referentes a necessidade de criar espaço nas relações virtuais para o uso de elementos semióticos além de palavras como forma de expressar emoções e sentimentos. Em seu estudo reforça que os *emoticons* são usados nas relações humanas mediadas pela tecnologia virtual como forma de transmitir o mais preciso possível mensagens sem uso de palavras com rapidez e agilidade. Com

seu estudo em chats educacionais a pesquisadora verificou que o uso dos *emoticons* foi extremamente frequente em alguns momentos em outros não. A análise realizada pela autora indicou que nos chats com características instrucionais houve uma grande quantidade de postagens de *emoticons* e menor incidência nos chats de discussões sobre conteúdos e conceitos, estes foram caracterizados por turnos mais extensos onde o resultado foi de enunciados maiores predominado pela escrita de palavras.

A partir da conclusão apresentada por Fontes (2007) e das contribuições de Marcuschi (2010) é possível destacar algumas características da linguagem usada na comunicação a distância com uso da internet em espaços educacionais. Os estudos confirmam o posicionamento de Arcanjo (2011) de que enquanto sujeito de linguagem o homem modifica a comunicação nos espaços tecnológicos digitais e virtuais. Sobre tudo tais estudos sinalizam que enquanto constrói sua linguagem o sujeito reflete sua cultura (práticas sociais digitais virtuais) e suas próprias características pessoais durante a comunicação na interação *on-line*.

Além do interesse ou características pessoais na escolha dos recursos comunicativos, percebe-se que quanto mais formal a discussão menor a incidência de recursos não textuais e tecnológicos como os *emoticons*, mesmo sendo estes uma forma mais precisa para transmitir mensagens, emoções e sentimentos sem uso de palavras com rapidez e agilidade. Nesse contexto Marcuschi (2010) atribui ao baixo uso dos *emoticons* à formalidade que ainda permeia o imaginário dos alunos no espaço educacional virtual. Assim, quanto mais formal menos abertura para outros recursos textuais não verbais.

Embora ambos os autores tenham focado a discussão nos aspectos da linguagem usada pelos alunos, há necessidade de pesquisas que investiguem especificamente a linguagem usada pelo professor-tutor nos espaços de formação virtuais a distância, principalmente para ampliar as discussões e consequências em torno da possível formalidade que ainda permeia a comunicação em alguns ambientes virtuais de educação. Tal posicionamento pode tornar-se preocupante, pois o uso de uma linguagem escrita extremamente formal e acadêmica demais pode ser outro fator para desmotivar o aluno, além de não colaborar para a criação de vínculos afetivos, antes pode até vir a afastá-lo.

6. Considerações finais

Sem o intuito de concluir a discussão, mas de colaborar para o debate em torno do tema, ressaltamos que, do que foi exposto aqui, não é utópica a prática educativa a distância que leve em consideração a afetividade e a cognição como fatores determinantes para o bom desempenho e envolvimento dos alunos. No entanto, para que a afetividade assuma o papel que lhe é devido no cenário da EaD, sendo vista como recurso que impulsiona o processo cognitivo e promove a construção de novos conhecimentos, algumas posturas precisam ser reelaboradas e muitas delas passam por problemas de comunicação.

Destacamos que a complexa linguagem usada nos espaços informais na internet é também percebida na linguagem usada nos ambientes educacionais virtuais. À medida que os programadores criam novos recursos e os disponibiliza no AVA, novas formas de comunicação são estabelecidas e a linguagem a distância é “naturalmente” modificada. Reconhecemos que a modificação na linguagem virtual dá-se por extensão das transformações nas relações sociais, culturais, tecnológicas no sentido mais amplo que o individual, está a nível de sociedade.

Particularmente no ambiente de formação on-line é preciso que a linguagem, seja ela escrita ou não verbal, permita que o professor-tutor demonstre atenção e respeito e que estabeleça verdadeiros laços afetivos com e entre os alunos. Pois, de acordo com a literatura pesquisada e discutida neste trabalho, é com laços afetivos estabelecidos que o aluno pode sentir-se mais seguro para expor suas dúvidas e limitações, sentir-se motivado a expor e ampliar suas ideias construindo novos conhecimentos, novas bases cognitivas.

A proposta desse estudo foi apresentar breves reflexões de como a afetividade pode impulsionar novas aprendizagens; ampliar o debate de que a postura afetiva do professor-tutor pode promover a comunicação mais eficaz entre os alunos e, também, reconhecer que a linguagem mediada pelos recursos verbais e não verbais não são entraves para a troca de conhecimentos ou sentimentos a distância, antes são esses recursos potenciadores da troca mais precisa de informações que emitam sentimentos e emoções.

Reconhecemos que um dos fatores que dificulta a pesquisa que tome como objeto de estudo a afetividade e sua relação na aprendizagem ainda existe por se tratar de um assunto subjetivo. De acordo com Piaget (1990) a afetividade não possui estruturas próprias o que a difere da cog-

nição. Por não possuir estas estruturas torna-se mais difícil um estudo aprofundado. No entanto, estudiosos já começaram a ampliar esta discussão e avançam neste sentido como Arantes (2002), além de pesquisas mais recentes realizadas no campo específico da EaD on-line como as contribuições de Espírito Santo (2008) e Sihler e Ferreira (2011) dentro da temática.

Conclui-se então que, mesmo necessitando de pesquisas que aprofundem ainda mais os estudos sobre a relação da afetividade com a cognição já podemos considerar, sem sermos prematuros, que as relações afetivas podem ser extremamente favoráveis e motivadoras para a construção do conhecimento. No entanto, é preciso também novas investigações de como a linguagem estabelecida a distância pode favorecer os vínculos afetivos e como os recursos tecnológicos que emitem sentimentos e emoções usados nas redes sociais tem sido usados na EaD.

Nesse sentido, pesquisas em Linguística Aplicada (LA) podem vir de encontro com a necessidade de esclarecimentos relativos à linguagem verbal e não verbal usada na EaD, e como essa linguagem está situada na relação afetividade e cognição, de modo a colaborar para novos olhares e novas questões na sociologia, na filosofia, na educação, na estatística, na psicologia, na antropologia, na linguística, por se tratar a LA de uma ciência interdisciplinar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, A. S. *A influência da afetividade na aprendizagem*. Brasília, 2007. 43 p. Monografia (Especialização em Psicopedagogia Clínica) – Unievangélica Centro Universitário, Brasília, 2007.

ARANTES, V. A. Afetividade e cognição: rompendo a dicotomia na educação. In: OLIVEIRA, M. K.; TRENTO, D.; REGO, T. (Orgs.). *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2002.

ARCANJO, R. Linguística aplicada: uma identidade construída nos C-BLA. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 11, nº 3, p. 609-632, 2011.

BAIRRAL, M. A. *Discurso, interação e aprendizagem matemática em ambientes virtuais a distância*. Seropédica: Universidade Rural, 2007.

BARROS, M. G. A contribuição da interatividade nos ambientes virtuais de aprendizagem colaborativa. In: Simpósio Hipertexto e Tecnologias na

Educação, II, 2008, Recife. *Anais eletrônicos*. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/simposio2008/anais/Maria-Gracas-Barros.pdf>>. Acesso em: 15-04-2012>.

ESPÍRITO SANTO, L. M. C. Educação a distância: um estudo de caso sobre a afetividade. 2008. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/592008102939AM.pdf>>. Acesso em: 15-04-2012.

_____. *Vínculos afetivos na educação a distância: possibilidades e impossibilidades*. São Bernardo do Campo, 2011. Dissertação de mestrado (parte 01). Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_arquivos/1/TDE-2011-05-17T131611Z-933/Publico/Ieda%20Medeiros%201%20parte.pdf>. Acesso em: 15-04-2012.

FAVERO, R. V. M.; FRANCO, S. R. K. Um estudo sobre a permanência e a evasão na educação a distância. *Novas Tecnologias na Educação*. CINTED-UFRGS, v. 4, n. 2, dezembro/2006.

FONTES, M. do C. M. O uso de emoticons em chats: afetividade em ensino a distância. In: _____. *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 64-77.

KENSKI, V. M.. Em direção de uma ação docente mediada pelas tecnologias digitais. In: _____. *Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas públicas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

LEFFA, V. J. A linguística aplicada e seu compromisso com a sociedade. Trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada. Belo Horizonte: UFMG, 7-11 de outubro de 2001. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/la_sociedade.pdf>. Acesso em: 10-05-2012.

PIAGET, J.; INHELDER, B. *A psicologia da criança*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

PRADO, M. E. B. B. (2002). *EaD: Integrar saberes e tecer redes*. Educação a distância: os ambientes virtuais e algumas possibilidades pedagógicas. Disponível em: <<http://wwwtvebrasil.com.br/salto/boletins2002/te/tetx3.htm>>. Acesso em: 06-2010.

PRETTO, N. de L. Desafios para a educação na era da informação: o presente, a distância, as mesmas políticas e o de sempre. In: _____. *Tecno*

logias educacionais e educação a distância: avaliando políticas públicas. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

SIHLER, A. P.; FERREIRA, S. M. B. *A afetividade mediada por meio da interação na modalidade a distância como fator preponderante para a diminuição da evasão.* Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2011/cd/116.pdf>>. Acesso em: 15-04-2012.

SILVA, M. *Sala de aula interativa.* 3. ed. Rio de Janeiro: Quartet. 2002.

VILAÇA, M. L. C. Educação a distância e tecnologia: conceitos, termos e um pouco de história. *Revista Magistro.* Unigranrio, Vol. 01, Nº 02, 2010. Disponível em: <<http://www.saladeauladigital.com/salavirtual/mod/resource/view.php?id=98>>. Acesso em: 10-05-2012.